



Sociedade e Cultura

ISSN: 1415-8566

brmpechincha@hotmail.com

Universidade Federal de Goiás

Brasil

Schiavo, Sylvia

Sertão uno e múltiplo ou "lua pálida no firmamento da razão"

Sociedade e Cultura, vol. 10, núm. 1, janeiro-junho, 2007, pp. 41-44

Universidade Federal de Goiás

Goiânia, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70310105>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

 redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Sertão uno e múltiplo ou “lua pálida no firmamento da razão”

SYLVIA SCHIAVO*

Resumo: Tomando como base o texto de Grande Sertão: Veredas, meu objetivo é demonstrar como, nessa obra de Guimarães Rosa, a noção de sertão é, de fato, uma categoria. A multiplicidade de significados atribuídos ao sertão, expressa no discurso de Riobaldo, permite compará-lo à categoria mana investigada por Marcel Mauss. Assim como o mana, o sertão pertence a um tipo especial de categoria denominada por Mauss “categoria inconsciente do entendimento”. Segundo as características apontadas por Mauss: abrangência, denotando inúmeras possibilidades, e circunscrição, referida a uma cultura particular, a noção de sertão, como categoria, sugere um estado de alma coletivo, genuinamente brasileiro.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; sertão; categoria.

As categorias aristotélicas não são, realmente, as únicas existentes em nosso espírito, ou que nele existiram e das quais é necessário tratar. Antes de tudo é preciso elaborar um catálogo de categorias, o maior número possível, a partir daquelas que, sabe-se, foram utilizadas pelos homens. Ver-se-á então que houve e que ainda há muitas luas mortas, ou pálidas, ou obscuras no firmamento da razão.

Marcel Mauss

Viver é muito perigoso. O diabo na rua no meio do redemunho. Os dois grandes ritornelos de *Grande sertão: veredas* vibram em uníssono na mesma chave: *sertão*. Categoria maior da obra maior de João Guimarães Rosa, o *sertão* se espraia pelas seiscentas páginas do livro, determinando tudo. O cenário espetacular das aventuras do jagunço Riobaldo transcende a qualidade de meio geográfico, transbordando significados. Acrescentar a esse meio o conceito de território para designar a região de Minas e adjacências, demarcada pela zona conflagrada do São Francisco, incorporando história, é,

igualmente, insuficiente, pois Riobaldo diz “...*sertão? Ah que tem maior*”.

Atordoados com a quantidade e a contundência das referências de Riobaldo ao *sertão* que é “onde manda quem é forte, com as astúcias”, que “não tem portas nem janelas”, que “tonteia”, que “é sem lugar”, que “é confusão em grande demais sossego”, que “é dentro da gente”, leitores e críticos têm especulado sobre as possibilidades semânticas dessa noção difusa que incorpora o real e o metafórico, referida tanto a um território específico quanto ao plano existencial da obra. Ao fim e ao cabo, pergunta-se “onde é” ou “o que é o sertão?”, na busca inglória da conceituação. Ademais, à nebulosa etimologia do vocábulo *sertão*, acrescenta-se a criação de Guimarães Rosa.

Antes de voltar a Riobaldo, é de bom alvitre as palavras de Antonio Cândido sobre *Grande sertão: veredas*:

Parecia que, de fato, o autor quis e conseguiu elaborar um universo autônomo composto de realidades expressionais e humanas que se articulam em relações originais e harmoniosas,

* Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFF.

superando por milagre o poderoso lastro de realidade tenazmente observada, que é a sua plataforma. (Candido, 1995, p. 78-79)

E, ainda:

De fato, percebemos que assim como acontece em relação ao meio, há um homem fantástico a recobrir ou entremear o sertanejo real; há duas humanidades que se comunicam livremente, pois os jagunços são e não são reais. Sobre o fato concreto e verificável da jagunçagem, elabora-se um romance de cavalaria, e a unidade profunda do livro se realiza quando a ação lendária se articula com o espaço mágico. (Candido, 1995, p. 84)

Das luminosas palavras de Antonio Candido depreendem-se sobreposições, imbricações entre “um poderoso lastro de realidade” e o “espaço mágico” articulados na ficção de Rosa.

É tão conhecida quanto propalada a tenacidade do autor na observação do sertão mineiro, qualidade que ele transmite a Riobaldo. Há que se registrar que a pujança do meio físico é de tal monta e de tal ordem sua determinação no romance que é legítimo supô-lo como personagem. Em entrevista a Günter Lorenz, o crítico alemão, ele afirma que o homem do sertão é seu ponto de partida: “ele, esse ‘homem do sertão’, está presente como ponto de partida mais do que qualquer outra coisa”. Esse universo, portanto, está em questão com todas as implicações daí decorrentes; esse universo por si só incorpora, além das representações sobre o meio físico *stricto sensu*, um forte pendor para o maravilhoso. O mundo da lenda é seu componente, manancial para que Guimarães Rosa erija o *Grande sertão: veredas* em “avatar sertanejo da cavalaria”, conforme a precisa expressão de Antonio Candido.

Indissociáveis os vários planos do livro, nenhuma análise de discurso disciplinar sobre a realidade pode alcançá-lo; a arte pulsa o todo. Daí uma das dificuldades da conceituação de sertão que alguns procuram encontrar. Como iriam se articular, sem prejuízo da totalidade alcançada em ficção, os diversos discursos que grassam à solta no *mundo misturado* do sertão? Lá estão paisagens portentosas, euclidianamente descritas, transmutadas em cenários metafísicos

(veja-se o caso do Liso do Suçuarão); subversões acintosas da geografia que, todavia, parece familiar; um constante desafio à mentalidade cartesiana para o alargamento da sensibilidade e da percepção humanas; lá comparecem elementos de ciência antiga, e o pensamento rústico afirma uma “ciência do concreto”. Além disso, há intercessões de temporalidades, intercepções de universos: o mítico imemorial intervém na história, o épico invade o romance moderno. Tudo isso subordina-se à noção de sertão que Riobaldo insiste em realçar para de um tudo falar. É o significante flutuante de maior peso na obra, repetido intermitentemente como num mantra. Somente o estatuto de categoria pode abarcá-lhe a multiplicidade de sentidos. Daí advém a possibilidade dos diversos dizeres de Riobaldo. Falando de *sertão* ele atira para todo lado, mirando no real e no metafórico, roçando o metafísico. O *sertão* é a condição *sine qua non* da criação de Guimarães Rosa – seu meio de produção. Para o sertanejo Riobaldo, é um campo de forças em estado primordial, no qual ele vivencia fortes experiências na vida aventureira de jagunço enquanto cumpre sua travessia existencial, e de onde flui o seu discurso em vertiginosa verve. Sob a égide do sertão, de suas leis e imposições, ele faz o pacto para enfrentar o inimigo, o Hermógenes, que, como era do conhecimento de todos, se dizia: “o Hermógenes tem pauta”. Ao abrigo do sertão, num meio agreste impregnado de lirismo, namorou Otacília, a dama do amor cortês e, desesperadamente, amou Diadorim sob as vestes de guerreiro. Verbalizando a experiência na busca do incompreensível, ele diz: “O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca...”.

A história começa com o som de tiros. Ele tranquiliza o doutor, explicando que “não é briga de homem não”. Estava ele atirando, por gosto e costume, quando o procuraram para que emprestasse suas armas a fim de dar cabo de um bezerro com cara de cachorro, o qual ele próprio não quis avistar. Sobre a estranha figura, “determinaram – era o demo”. Após comentar a parvoíce do povo, Riobaldo sentencia: “O senhor tolere, isto é o sertão”.

O sertão é assim apresentado, na primeira página, a partir do contexto cultural referido ao

sistema de crenças. Imediatamente, porém, o narrador se remete à situação geográfica, à descrição do meio ambiente e aos aspectos sócio-históricos do sertão. Riobaldo continua:

Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucuia vem dos montões oestes. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda parte. (Guimarães Rosa, 1984, p. 7-8)

A última frase desnorteia de vez o visitante e o leitor, de certo já confundidos em meio à indeterminação e à relativização da geografia apresentada. Vê-se, portanto, o fogo cruzado desse discurso cujos elementos se justapõem e se misturam.

Sertão: uno e múltiplo

Na magia, como na religião, como em lingüística, são as idéias inconscientes que agem.

Marcel Mauss

Sertão – ancestral, tectônico. Síntese do diverso histórico, geográfico, simbólico, natural e cultural, é realidade e metáfora – expressão inconteste de brasiliade espraiada no território nacional.

No *Grande sertão: veredas*, João Guimarães Rosa retirou do vocabulário de nebulosa etimologia¹ a carga semântica que o aprisiona nos

limites geográficos, igualmente imprecisos, a despeito de nosso reconhecimento a uma parcela do território assim consagrado, elevando-o ao estatuto de categoria. Tanto a imprecisão, dada a multiplicidade de significados, quanto a determinação que adquire nos diversos dizeres de Riobaldo, encontram ressonância nos atributos que Marcel Mauss reconhece na noção de *mana* dos melanésios:² “É obscura e vaga e, não obstante, tem um emprego estranhamente determinado. É abstrata e geral, mas muito concreta.” Mauss trata essa noção como categoria: “categoria inconsciente do entendimento”. Como a noção de *sertão*, categorias desse tipo são de difícil apreensão. São abrangentes e circunscritas. Abrangentes pela largueza de possibilidades, circunscritas porque pertencem a uma cultura determinada. O *sertão* no *Grande sertão: veredas*, escapando ao laço do analista que tenta aprisioná-lo no conceito, guarda a “potencialidade mágica” que lhe assegura os inúmeros avatares. Está referido a uma potência não detectável pela experimentação científica, embora seja, de fato, uma experiência, como o demonstra Riobaldo. Ao amparo do poderoso plano mítico que Rosa imprime à obra, ele, tendo cumprido com rigor o rito do pacto nas Veredas Mortas, se transforma, transformando o curso dos acontecimentos. Na sua existência oculta, a potência implícita do sertão faz parte de um mundo mágico que se superpõe ao mundo real,

nários e autores clássicos portugueses e brasileiros, chegando a algumas conclusões. Que, por exemplo, a palavra já era usada na África e até mesmo em Portugal. Ainda mais, que nada tinha a ver com a noção de deserto (aridez, secura, esterilidade) mas sim com a de ‘interior’, de distante da costa. [...] E vai encontrar a etimologia correta no *Dicionário da língua bunda de Angola*, de frei Bernardo Maria de Carnecatim (1804), onde o verbete *muceltão*, bem como sua corruptela *certão*, é dado como *locus mediterraneus*, isto é, um lugar que fica no centro ou no meio das terras. Ainda mais, na língua original era sinônimo de ‘mato’, sentido correntemente usado na África Portuguesa, só depois ampliando-se para ‘mato longe da costa’. Os portugueses levaram-na para sua pátria e logo trouxeram-na para o Brasil, onde teve longa vida, aplicação e destino literário” (Walnice Nogueira Galvão, 2001, p. 16).

2. Segundo essa noção, que implica um poder mágico, uma pedra pode ter *mana*, assim como um rio e seres humanos. Pode-se dar e receber *mana*. “O *mana* não é simplesmente uma força, um ser; é também uma ação, uma qualidade e um estado. Em outros termos, a palavra é ao mesmo tempo um substantivo, um adjetivo e um verbo.” Mauss, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974. p. 138-139.

1. “Embora, naturalmente por desconhecimento, se continue a repetir que a palavra sertão deriva de ‘desertão’, não há maneira de justificar pelas leis da fonética histórica nem pelos documentos tal evolução. [...] Num paciente trabalho de erudição, Gustavo Barroso percorre os principais dicio-

sem destacar-se dele, contudo. Marcel Mauss explica:

Poder-se-ia ainda dizer, para mais bem exprimir como o mundo da magia superpõe-se ao outro sem destacar-se, que nele tudo se passa como num mundo construído em uma quarta dimensão do espaço, da qual uma noção como a de *mana* exprimiria, por assim dizer, a existência oculta. (Mauss, 1974, p. 147)

Pode-se ler a citação abaixo, substituindo-se apenas os nomes das categorias: onde se lê *mana*, leia-se *sertão*.

Em resumo, o *mana* é de início uma ação de um certo gênero, isto é, ação espiritual à distância que se produz entre seres simpáticos. É também uma espécie de éter, imponderável, comunicável, que se expande por si mesmo. O *mana* é, além disso, um ambiente, ou, mais exatamente, funciona num ambiente que é *mana*. (Mauss, 1974, p. 141)

Após a leitura do livro, parece inconcebível a pergunta: onde é o sertão? Mesmo porque:

Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima.

Sempre empurrado mais para lá, o sertão ganha feição misteriosa e mágica. Os brasileiros do litoral do sul, bombardeados pelas novidades estrangeiras, recebem no adejo da aragem do sertão uma força *sui generis* para exprimir e participar da cultura do interior, como a pedir um coração que represente a pátria. Desse modo, a noção de *sertão* pode ser pensada como o avesso do mito da terra contado a partir da história que nos diz “no princípio era o mar...”.

Dentre os muitos possíveis, a categoria sugere um estado, estado de alma coletivo, genuinamente brasileiro. No *Grande sertão: veredas*, o sertão, uno e múltiplo, é algo que não se pega e, ao mesmo tempo, uma referência que funda, pelos avessos, a lenda do território.

Abstract: By using the text of Grande Sertão: Veredas, my purpose is demonstrate how in this Guimarães Rosas'work the notion of sertão (backlands) is, in fact, a category. The multiplicity of meanings attributed to the sertão, expressed in the Riobaldo'speech allows compare it with the mana category investigated by Marcel Mauss. As the mana the sertão belongs to a special type of category denominated by Mauss “unconscious knowledge category”. According to its characteristics: spread, denoting many possibilities, and circumscription, regarding particular culture, the sertão notion, as a category, suggests a brazilian collective soul.

Key-words: Guimarães Rosa; backlands; category.

Referências

CANDIDO, Antonio. Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 147-179.

_____. O homem dos avessos. In: GUIMARÃES ROSA, João. *João Guimarães Rosa: ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. v. 1.

CASCUDO, Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CASTRO, Manuel Antonio de. *O homem provisório no Grande sertão*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

CAVALCANTI PROENÇA, Manuel. *Trilhas do Grande sertão*. In: CAVALCANTI PROENÇA, Manuel. *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. 2. ed. Rio de Janeiro, Brasília: Grifo, INL, 1973.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *O império do Belo Monte*: vida e morte de Canudos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

GUIMARÃES ROSA, João. *João Guimarães Rosa: ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

_____. *Grande sertão: veredas*. 18. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: GUIMARÃES ROSA, João. *João Guimarães Rosa: ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. v. 1.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974. vols. I e II.

SCHIAVO, Sylvia França. *Do território da lenda à lenda do território na travessia do Grande Sertão*. Ceropédica, RJ: CPDA/UFRRJ, 2002.